

OS TRANSBORDAMENTOS DA GRAVURA

Daniel Divorne

A gravura não é muito obediente, muito cedo se afastou dos poderes da cidade.

Na história das Artes Plásticas, a gravura se distanciou rapidamente da ilustração para frequentar somente os artistas. Não é o caso de disciplinas como a pintura e a escultura cujas conexões com a arquitetura e os grandes orçamentos as enfeudaram aos poderes políticos e religiosos. As pretensões artísticas dos poderosos do mundo, quase sempre despojadas de estilo e de invenção, obrigaram muitos pintores e escultores – a maioria sinceros - a sujeitarem-se a obras sob encomenda e a aceitarem a adulação, durante séculos. Se a gravura escapou, em grande parte, dessa situação é pura e simplesmente porque não movimenta somas astronômicas, nem provoca a concorrência entre posições hierárquicas. A especulação da peça única não é seu jogo, o múltiplo é a essência da sua existência. Para o poder é sempre um pouco subversiva, até mesmo um pouco sulfurosa mas, é assim que ela se permite uma relativa independência. No entanto, o jogo das imbricações econômicas é tão grande, que ainda não podemos lhe conferir um estatuto de Inocência.

Uma vez adquirida a sua independência, a gravura se permite o luxo de questionar-se a si própria. O eixo do meu trabalho como criador é a interrogação sobre a expressão gráfica.

É o momento de fazer uma digressão. Dirigi desde a sua fundação o Centro de Gravura Contemporânea de Genebra, Suíça. Para constituir o atelier de gravura, não contei com capital, nem subvenções, só uma casa cedida pela cidade de Genebra e umas quinze prensas. Abri esse espaço a todos e a tudo. Trabalhávamos das oito horas da

manhã até à meia noite, sete dias por semana. As festas eram, cada vez mais, confraternizações variadas e grandiosas.

Tomei a resolução de imprimir com as minhas técnicas de gravura mais evolutivas, especialmente as não tradicionais, as mais arriscadas e cheias de transbordamentos provocadores. A minha opção profissional chegou aos ouvidos das galerias e os artistas vieram. Foi assim que tive a honra e o prazer de receber, entre outros, Max Ernst, Bram Van Velde, Antonio Saura, Castillo, Pierre Alechinsky, Matta, enfim, quase cento e sessenta artistas vieram trabalhar no Centro. Fim da digressão.

Nesta mesma época, criava e expunha as minhas obras pelo mundo. Esta dupla atividade foi uma fértil esquizofrenia, os riscos inerentes a este tipo de situação me permitiram bonitas descobertas sobre mim e sobre os meus colegas. Depois desse período, toda a minha afetividade-acuidade profissional, todo o meu questionamento se voltou para as características de expressão oferecidas pela chapa de cobre, de zinco, de madeira, de pedra, de plástico, de terra, de vidro e tantos outros materiais. Entre os que fazemos gravura não negamos o afeto (e a palavra não diz tudo), que temos pela matriz. Ela é o centro do nosso discurso, o foco de toda a nossa atenção. É na matriz onde ocorrem todas as metamorfoses e não na tiragem sobre o papel, onde tudo já está dito, onde tudo é definitivo. A tiragem sobre o papel é um ponto final.

Portanto, falemos da matriz e da sua ligação sinérgica com o tridimensional.

Para mim, a matriz se apresenta na sua horizontalidade, me mostra a sua extensão e a minha ação é uma ação em verticalidade. Eu cavo para salientar, conseqüentemente, para poupar ou cavo para marcar, traçar em profundidade, seja para acrescentar a matéria e-ou, em seguida, suprimir esta mesma matéria. A minha relação com a matriz permanece uma relação de verticalidade.

O meu engajamento nesta forma de expressão não é recente. Construo as matrizes com terra, com lava e com detritos que depois vitrifico ao fogo. Retiro a matriz da sua eterna horizontalidade e a levanto, então ela se torna ESTELA, MENIR. Apresentando-a assim, verticalmente e diante de nós, lhe restituo o seu direito, a sua importância. Acabou-se o tempo em que ficavam guardadas - verticalmente, é certo - dentro de estantes empoeiradas no fundo de um atelier. Hoje, estão expostas nas galerias sob a luz dos refletores. No mais, concessão e serenidade, quero que uma folha de papel - mas não qualquer papel - se estenda sobre ela e aceite respeitosamente a sua impressão, através de uma boa frottage-estampagem. O papel não é nada mais que o testemunho. A matriz é a ESTELA, o édito, o lugar da decisão. Esta ação pode parecer uma homenagem às primeiras manifestações do Impresso no IMPÉRIO DO MEIO e porque não? (como dizia o capitão Charcot)

De uns anos para cá, a minha criação se desenvolve cada vez mais em direção a um trabalho sobre a memória indireta, sobre a palavra escondida, sobre o subliminar. Me apodero da palavra "LOVE" - palavra ultra conhecida - e marco profundamente as letras na terra ou na lava, marcando-a com o meu selo, com o meu rastro. Em seguida, agarro esta massa de terra ou de lava, empurrando-a, devorando-a, até lhe dar as marcas do meu dinamismo, que ela restitui em dobras e em comissuras, uma rede telúrica visível que tem a aparência de uma vista aérea a partir de um satélite.



Opero assim, uma maximização das distâncias.

Posso também decidir não continuar o movimento. As terras e as lavas são colocadas ao fogo um dia inteiro, são vitrificadas a uma temperatura de mais de 1300 graus. Os óxidos metálicos aparecem na superfície e todo o movimento é estabilizado, todas as cores são fixadas definitivamente, transformando-se em uma rocha metamórfica. À potência deste ato original e fundador deste primeiro tempo, se contrapõe um ato pertencente à comunicação e à memória: de cada uma das minhas ESTELAS, faço impressões com tinta no papel.

É aqui onde se articula um balanço constante. O diálogo entre o ato fundador (A ESTELA- A MATRIZ) e o ato de comunicação (O PAPEL ESTAMPADO COM TINTA). O diálogo se instala entre a ESTELA quase eterna e o papel, sempre tão frágil e até mesmo fugaz. No trabalho "LOVE", esta palavra tão conhecida é recriada como noção elementar.

Todo futuro é possível a partir de todo o renascimento.

Qual é o original? A matriz ou a sua impressão?

As terras e as estampas são apresentadas sempre juntas, frontalmente em um espaço ritual, em duo ou em duelo.

Cada comprador de uma de minhas obras tem a possibilidade de tirar estampas que autenticarei com o meu selo.



Dados do Autor

Daniel Divorne 1966-1985 Diretor do Centre Genevois de Gravure Contemporaine. Genebra, Suíça. Desde 1975, é professor titular de gravura na École Supérieure d'Art Visuel. Genebra, Suíça. Exposições individuais e coletivas em vários países. Artista convidado na 36ª Bienal de Veneza, Itália e na "The World Contemporary Prints 80" no Metropolitan Art Museum de Tóquio, Japão. Premiado na Bienal Européia de Gravura, Mulhouse, França, em 1984.

Impressor/colaborador de artistas como Max Ernest, Matta, Antonio Saura, Pierre Alechinsky, Enrico Baj, Bram Van Velde, entre outros.